

Do Jikyonahati ao futebol: uma introdução à história e cultura do povo Haliti-Paresi a partir do esporte

From Jikyonahati to football: an introduction to the history and culture of the Haliti-Paresi people through sport

Makchwell Coimbra Narcizo*

makch01@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0009-0257-2858>

Neudvania Onaezokenazokaerose**

neudvaniaonaezokenazokaerose@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0009-0257-2858>

RESUMO: O futebol é um objeto cultural difundido no mundo todo fazendo parte de diversas culturas e a partir dele é possível conhecermos aspectos importantes acerca de alguns povos. O presente artigo visa apresentar o povo Haliti-Paresi, aspectos importantes de sua história e cultura a partir do futebol, passando pelo jikyonahati, um jogo tradicional do povo em destaque.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, cultura, Haliti-Paresi.

ABSTRACT: Football is a cultural phenomenon globally widespread, intertwining with various cultures and offering insights into different societies. This article aims to show the Haliti-Paresi people, shedding light on crucial aspects of their history and culture through the lens of football. It explores the significance of “Jikyonahati”, a traditional game that holds prominence within this ethnic group.

KEYWORDS: Football, culture, Haliti-Paresi.

Considerações iniciais

Nossa época apresenta a falência de epistemologias fundadoras, ou ao menos uma crise profunda delas, fica como horizonte a possibilidade urgente de que nosso futuro é ancestral ou então que não haverá futuro. Temos muito mais a aprender com epistemologias múltiplas do que ensinar.

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Atualmente é professor visitante no PPGH da Universidade Federal do Amazonas.

** Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), pela UNEMAT, Campus Barra do Bugres-MT. Possui graduação em Pedagogia Intercultural Indígena pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT (2022).

O futebol não é uma epistemologia, longe disso, ele é uma coisa, um objeto cultural que adentra à cultura, para tal defesa nos embasamos em Simmel em sua obra *O conceito de tragédia e da cultura* (1988). No texto em destaque, o sociólogo trata as relações do ser humano com o mundo, assim, a cultura seria um processo de mediação entre as criações objetivas dos seres humanos e a vida interior do indivíduo. Nessa relação há um processo peculiar entre sujeito e objeto. Dessa maneira, como argumenta Luis Salturi (2016, p. 172), a ideia de cultura em Simmel se encontra permeando dualismo e seu surgimento se dá quando acontece a aproximação entre a alma subjetiva e o produto espiritual objetivo. Ainda nessa perspectiva, faz parte desse processo a cultura objetiva e a cultura subjetiva.

Com isso, afirmamos que o futebol é uma construção do mundo moderno, mas como coisa na perspectiva de Simmel, na medida que ele é adotado em larga escala, sendo um dos principais objetos culturais do mundo, passa a participar de forma dialética da construção das identidades.

Assim sendo, o futebol é um objeto rico para compreendermos os grupos humanos que ele se insere – é possível o utilizar também para compreendermos os grupos em que ele não consegue inserção –, um grupo ao qual o futebol se insere como objeto passível de paixões é o grupo Haliti-Paresi.

Desta forma, o presente texto tem um objetivo modesto, mas não necessariamente simples, apresentar o povo Haliti-Paresi, ao menos um pouquinho de sua história e cultura utilizando o futebol e sua versão nativa, o jikyonahati.

Haliti-Paresis¹

O povo Haliti-Paresi, como nos apresenta a antropóloga Maria Fátima Machado (2008, p. 18) vive desde tempos imemoriais numa grande região no divisor das águas das bacias do rio Amazonas e do rio Paraguai, dominando as cabeceiras de seus mais distantes afluentes, no extenso planalto que, desde 1700, os colonizadores mahalitihyarenae (os não indígenas) identificaram com seu nome: a Chapada dos Parecis. Nessa região de cerrado suas aldeias se

¹ O termo de autodenominação dos Paresí é Halíti, que pode tanto ser traduzido como “gente” numa referência explícita ao gênero humano em oposição aos animais, quanto como “povo” para indicar uma identidade mais inclusiva do grupo.

A palavra “Paresí” não consta no léxico da língua, mas é o nome que, a partir do século XIX, passou a ser aplicado indiscriminadamente a grupos distintos de fala Aruak identificados por cronistas e estudiosos ao longo de cerca de dois séculos e meio de história do contato. Entre esses grupos destacam-se os Kazíniti, Wáimare, Kazáriní (este último conhecido também como Kabizi), além dos Warére e Káwal. (Povos indígenas no Brasil. (Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/paresi>. Acesso em 21 de novembro de 2023)

distribuíam desde o rio Arinos e cabeceiras do rio Paraguai até as cabeceiras dos rios Guaporé e Juruena. Nos limites norte se estendiam até a confluência do rio Sacre com o Papagaio e ao sul até as cabeceiras dos formadores da bacia do Paraguai. Ficaram conhecidos como “Parecis”, mas a autodenominação é Haliti e na ortografia atual se usa Haliti-Paresi (o ser humano verdadeiro). Dividiam-se por grupos endogâmicos (os casamentos ocorriam somente no interior de cada grupo), cada qual com seu território específico. Até o início de seu envolvimento pela expansão dos imuti (não índios) na sua região, a partir dos anos de 1600, foram registrados cinco subgrupos: Katxiniti, Waymare, Kozarene, Warere e Kawali. Nos dias atuais, há representantes dos subgrupos Kozarene, Waymare, Katxiniti, Warere, Kahete e Enomaniyere, este último não registrado na bibliografia histórica sobre os Haliti, mas com inúmeros representantes atuais. O subgrupo Kawali foi extinto devido à invasão do território, por assassinatos e doenças. Também diminuiu radicalmente a população dos outros subgrupos.

Maria Helena Paes em sua apresentação do povo Haliti-Paresi sublinha as seguintes características:

[...] caracteriza-se, apesar do intenso contato com a sociedade envolvente, por ainda manter fortes seus costumes e traços culturais tradicionais, como a roça de toco, a caça, as festas tradicionais, os jogos, as pajelanças etc. Com grande apego mítico, os cerca de 1.400 Paresi são falantes fluentes de sua língua materna, do tronco Aruak e dividem-se em mais de 30 aldeias, de baixa densidade demográfica, caracterizadas pelas construções das casas tradicionais denominadas Hati. Embora de tradição oral, com o processo de escolarização e o intenso movimento de inter-relação de diversas naturezas com os não-índios vizinhos, a escrita e o domínio da língua portuguesa têm se revelado elemento imprescindível para sobrevivência desse povo (...). (PAES, 2002, p. 54).

Importante salientar que em dados mais recentes a população Haliti-Paresi é de cerca de 2 138 (Siasi, Sesai/2014).² Apesar do contato com a sociedade à sua volta, nem sempre foi assim. Até o século XX, os Paresi eram conhecidos na literatura etnográfica pelos chamados subgrupos “Waimaré”, “Kozárini” (“Kabixi”), “Warére”, “Káwali” e “Kaxíni”. Tais termos provêm da narrativa mítica que relaciona a sua origem à saída dos irmãos do interior de uma pedra. Estes, ao se casarem com o Avô da árvore dão origem aos subgrupos e povoam o mundo, instalando-se cada qual em uma cabeceira de rio, conforme a indicação do mais velho deles, “Wazaré”, o herói fundador que, por sua vez, não deixou descendentes (Pereira, 1986)

O povo Haliti-Paresi tem uma importância significativa para a história do Brasil, sem nenhum exagero o mapa do Brasil como conhecemos tem participação direta do povo que aqui é apresentado. Para sustentar tal afirmação é necessário compreendermos que os Haliti-Paresis

² Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/paresi>. Acesso em 21 de novembro de 2023.

têm uma longínqua história de contato com os não indígenas, sendo que as primeiras referências destes contatos datam o do fim do século XVII e, desde então, o contato foi se intensificando, sendo que muitas vezes tal contato levou a situações trágicas para o povo. Nisso, é importante salientar que cada subgrupo enfrentou situações distintas que reflete a proximidade ou distanciamento com os não indígenas. Aqui, vale ressaltar que o contato com a Missão Anchieta (MIA), uma missão jesuíta, levou a transformações culturais e a quase extinção de alguns dos dialetos falados, visto que as uniões entre os diferentes povos indígenas eram incentivadas.

O que mudou drasticamente a vida dos Haliti-Paresis foi a descoberta de minérios e a exploração das minas na região de Cuiabá, sendo que as aldeias da região, não habitada por este povo, serviram para a manutenção de mão de obra escravizada. Com a queda da atividade mineradora na região de Cuiabá a exploração foi transferida para a região de Diamantino, isso ainda no século XVIII, os Haliti-Paresis habitantes desta região passaram a sim a ser escravizados para a mão de obra nas novas minas. A transição econômica da região para a extração de látex de seringueiras, abundantes no território Haliti-Paresi, na produção de borracha fez com que os indígenas foram usados especialmente como guias dentro de seu vasto território e, também como mão de obra escravizada. Importante destacar que a chegada dos seringueiros na região foi bastante danosa para determinados grupos locais, que foram perseguidos e expulsos de suas terras.

Até aqui o que foi dito não sustenta a afirmação de que o povo Haliti-Paresi tem uma importância significativa para a história do Brasil. Como demonstra Cesar Domingues (2010, p. 1-2), no início do século XX, logo nos primórdios da República era buscada a ampliação da autoridade sobre as regiões mais longínquas do território nacional. Assim, destaca-se a o papel fundamental exercido pela construção de ferrovias e de linhas telegráficas. Visto que, enquanto o trem facilitava o trânsito de tropas, pessoas e mercadorias, o telégrafo garantiria a comunicação rápida entre as diversas regiões do país e a Capital Federal, no Rio de Janeiro. Com a intenção de ampliar ainda mais o alcance das linhas telegráficas federais, Affonso Penna, Presidente da República entre os anos de 1906 e 1909, criou a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como “Comissão Rondon”. O objetivo primordial desta comissão era estender uma linha telegráfica entre as cidades de Cuiabá e Porto Velho, às margens do Rio Madeira, atualmente localizadas respectivamente nos estados de Mato Grosso e Rondônia. Com isso, estaria completa a ligação

telegráfica do Rio de Janeiro como o estado do Amazonas e a região do Acre, recém adquirida pelo Brasil através do Tratado de Petrópolis, assinado em 1903 e onde se executavam os trabalhos de construção da Ferrovia Madeira-Mamoré.

Tais linhas passariam no interior do território Haliti-Paresi como demonstra Maria Fátima Machado (2008, p. 19), entretanto, as linhas telegráficas tinham elevada importância, como destaca a pesquisadora:

As linhas telegráficas tinham importante função estratégica, destinada a exercer o controle do território na fronteira conquistado pelos portugueses no século XVIII e consolidado definitivamente depois da Guerra do Paraguai. A missão de Rondon era também a realização do antigo sonho português: desbravar os sertões e tornar os índios seus guardiães, nacionalizando-os e tornando-os trabalhadores “ideais” da nação.

Expropriados em seu território, explorados como mão de obra, dizimados por epidemias (sarampo, gripes e febre amarela) e acucados nos seringais, que acolhiam milhares de migrantes fugindo das secas nordestinas, os Paresi dos sub-grupos Wáimare e Caxiniti foram atraídos por Rondon para o trabalho nas linhas telegráficas, onde eram empregados como guarda-fios, trabalhadores braçais e até mesmo telegrafistas, manipulando o código Morse nas estações plantadas em suas antigas aldeias. (MACHADO, 2008, p. 20)

É possível que percebamos a importância do povo Haliti-Paresi para a manutenção das linhas telegráficas e concomitantemente para o propósito aos quais elas foram construídas. É importante também destacar a proximidade entre Rondon e o povo Haliti-Paresi sendo tratado como uma espécie de herói por eles.

Neste ponto Maria Fátima Machado (2008, p. 21) defende que o exemplo dos Haliti-Paresi e seu relacionamento com Rondon e as linhas telegráficas, imersos em um turbilhão de transformações levado pela expansão desenfreada da frente extrativista, é ilustrativo o bastante para compreendermos como se dá o processo de sobreposição de territorialidades em Mato Grosso e em todo o país. Deste modo, a pesquisadora afirma que as terras indígenas são “descobertas” e “redescobertas” em vários momentos históricos, repetindo a devastação, a pauperização e o aniquilamento da saúde da sua gente, não sobrando aos indígenas nenhuma outra possibilidade, além de serem situados cada vez mais nos estratos considerados inferiores.

Desta maneira, ao longo da história, restou ao povo Haliti resistir e uma forma de resistir em contato, nem sempre harmônico, com outras culturas é entender as culturas alheias e a partir desse contato proteger sua cultura e a ressignificar.

O jikyonahati

O povo Haliti-Paresi tem um jogo que é traço marcante de sua cultura, o jikyonahati, que o leitor já deve ter visto alguma vez sendo chamado ou pelo nome ou até mesmo por

“cabeça bol”. Trata-se de um jogo com bola, logo, em um país em que o futebol é o esporte mais praticado, as ligações são quase que automáticas.

É interessante que o jikyonahati não tem gol, é jogado por dois times, cada um composto por dez ou doze jogadores, sendo que cada equipe fica cinco ou seis jogadores. Desta maneira, o jogo tem que ser praticado no “pátio grande” ser no pátio grande, sendo que na lateral são fixadas três estacas para demarcar o limite do terreno ocupado, dois jogadores ficam bem no centro do terreno. Inicia-se assim o jogo do jikyonahati com o adversário lançando a bola com a mão para o campo adversário, o jogador não pode errar e tem que acertar com a bola com a cabeça. Se o adversário errar, ele tem que lançar a bola com mão. A pontuação é feita quando o adversário não consegue retomar a bola com a cabeça.

Cibele Tenório (2015) explica que apesar de não ter gol, o jikyonahati se assemelha ao futebol jogado com os pés pela disposição de duas equipes em um campo retangular disputando uma bola que, nesse caso, é feita de leite de mangaba. Depois de ir ao fogo, o leite engrossa e se torna uma pasta que pode ser moldada com sopro. A principal característica do jogo é o arremesso da bola, com um golpe de cabeça. Só é permitido usar as mãos quando a bola está parada. Quando o jogador erra o passe da bola, o ponto é do adversário.

O texto de Cibele Tenório (2015) prossegue explicando que a pontuação está relacionada à uma aposta. “Antes da partida começar, nós reunimos as duas equipes e todos apresentam os adereços que estão em jogo. Podem ser cocares, colares, pulseiras, braceletes, tiaras. Cada ponto marcado, vale um adereço”. Em geral suspende-se o jogo quando uma das equipes esgota sua provisão. O atleta Wanderson Omaizokaaece, da etnia Haliti-Paresi, explica que nas partidas de adereços, e então o apostador da outra equipe distribui o resultado pelos jogadores.



Creative Commons - CC BY 3.0 - Demonstração de futebol de cabeça nos Jogos Indígenas - Marcelo Camargo/ABr

Importante destacar que jiky nahati é praticado apenas pelos homens e que é um jogo bastante tradicional do povo Haliti. Nisso é possível afirmar que é bem mais que apenas um jogo, é uma manifestação cultural que envolve elementos como rituais e habilidades físicas.

Soma-se a isso a relevância cultural e histórica desse esporte tradicional que é uma prática milenar sendo transmitido de geração em geração nas comunidades Haliti-Paresi sendo um elemento fundamental da sua identidade cultural.

Os Haliti-Paresis e o futebol

O povo Haliti-Paresi é apaixonado por futebol, aliás, sua paixão pelo esporte mais praticado no Brasil e no mundo é algo impressionante, logo, se quisermos conhecer um pouquinho de sua epistemologia, devemos conhecer sua identidade, se quisermos conhecer sua identidade, devemos ao menos tentar compreender seu gosto pelo futebol.

Há algo interessante na relação dos Haliti-Paresis com o futebol, visto que este é o esporte predomina entre as crianças, mulheres e os homens dentro das aldeias, nisso já podemos notar que ele não tem uma função ritualística e é praticado por todos que se interessem.



Crianças jogando futebol na Aldeia Rio verde - Neudvania Onaezokenazokaerose

O futebol é praticado quase todos os dias. Além disso, cada aldeia possui seus times formados e quando há a promoção de torneios de futebol em outras aldeias esses times participam, funcionando como um importante objeto de fortalecimento cultural. Alguns times também marcam amistosos com os times de outras aldeias, o amistoso é sempre valendo uma quantia em dinheiro.



Partida de futebol na Aldeia Rio verde - Neudvania Onaezokenazokaerose

É importante salientar que a relação dos Haliti-Paresis com o futebol não é meramente na prática do jogo, ou seja, o futebol jogado, a relação enquanto torcedores é bastante intensa. Qualquer visitante que gosta minimamente de futebol ao adentrar qualquer uma das aldeias observará duas coisas, a quantidade de moradores com camisas de times e os varais com ainda mais camisas de times.

Mas, qual time é predominante entre os Haliti-Paresis? Mesmo não sendo feita nenhuma pesquisa contundente para que possamos afirmar isso, é observável que a maioria da população Haliti-Paresi é torcedora do Flamengo, com quase a maioria dos torcedores sendo rubro-negro.

Outro traço também observável é a quantidade de jovens com camisas de times europeus, especialmente da *Champions League*. Na prática não são apenas camisas, mas também uma influência estética de tais jogadores que é perceptível nas pinturas nos cabelos, forma de vestir e com o “jeito boleiro” entre alguns jovens. Ou seja, uma abertura para o que pode ser chamado de mundo globalizado.



Crianças jogando futebol na Aldeia Rio verde - Neudvania Onaezokenazokaerose

A Copa Haliti

Os Haliti-Paresis entendem o esporte como algo importante no interior de sua cultura, tanto que no ano de 2016 foi criada a Copa Haliti 2016 pelos jovens da comunidade Gilmar Koloizomae, Adilson Muzuiwane, Vilmar Avelino e Claudemiro com o objetivo de unir e reunir a comunidade Haliti-Paresi e as comunidades em volta.



Logo da Copa Haliti - Neudvania Onaezokenazokaerose

Inicialmente os organizadores desse evento esportivo não imaginavam que iria ter tanta adesão de atletas das aldeias, é possível dizer que a Copa foi um sucesso. Cinco anos depois a Copa Haliti se tornou um super evento no qual os organizadores alcançaram objetivos além do esperado.

A Copa atingiu objetivos bastante satisfatórios, no campo educacional por exemplo, os atletas das equipes aprenderam ter respeito pelos adversários, além de se comportar na aldeia dos outros. Sim, esse é um problema recorrente e que deve ser tratado, logo, nota-se aqui o poder transformador do esporte.



Time feminino da Aldeia Rio verde - Neudvania Onaezokenazokaerose

O alcance da Copa Haliti se estende para o campo político e cultural, visto que ajuda a nova geração de líderes a organizar as suas equipes, manter o espírito de coletividade e de partilha.

Considerações Finais

Como foi possível notar ao longo do texto que aqui se finaliza, o povo Haliti-Paresi é um povo com uma cultura marcante, com uma história rica e que por conta dos desdobramentos da história do Brasil teve sua história e cultura traspassadas por esses desdobramentos. É um povo que resiste e que luta por sua própria cultura e existência.

É interessante vermos que ao tratarmos o futebol em si podemos vislumbrar alguns movimentos no interior da cultura Haliti-Paresi, inclusive seu contato com o mundo externo. Exemplo disso é o gosto pelo futebol por parte do povo, incluindo mulheres e crianças além do contato dos mais jovens com futebol europeu.

O jikyonahati nos leva a pensar diversas questões em relação aos Haliti-Paresis, especialmente como tal povo preserva sua cultura milenar mesmo com contatos com não indígenas nos últimos séculos, alguns de forma harmônica, como no caso de Rondon e diversos outros não.

É possível lermos em reportagens ou até mesmo em artigos que o jikyonahati é uma espécie de futebol, mas tal olhar é bastante etnocêntrico, na medida que jogos com bola foram praticados em diversos locais do mundo antes dos ingleses inventarem o futebol, logo, é um jogo próprio que precede o futebol. Outros exemplos de jogos com bola são comuns na história da humanidade, estes, espalhados por diversos locais do mundo como o cuju ou ou tsu' chu

praticado onde hoje seria a região da China ou marn groo praticado por aborígenes de onde hoje é a Oceania e até mesmo o cálculo histórico ou calcio florentino praticado onde hoje seria a Península Itálica. Entretanto, por proximidade geográfica os jogos praticados pelos astecas e maias, o tlachtli e o pok-ta-pok respectivamente.

É possível alguém dizer, é por isso que os Haliti-Paresi gostam de futebol, não necessariamente, eles simplesmente gostam do futebol por conta do contato cultural e nós não conhecemos o futebol deles porque inferiorizamos sua cultura.

Futebol como outros objetos culturais não são absolutos quando pretendemos conhecer uma cultura, mesmo sendo parte importante dela, é necessário que seja observado que são diversos objetos culturais que ajudam a constituir uma cultura e que, as culturas estão em movimento e em transformação. Dito isto, acreditamos que foi possível, a partir do futebol, conhecer um pouquinho da rica cultura Haliti-Paresi.

Referências Bibliográficas

- DOMINGUES, Cesar. A Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, nº XIV, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio. Numem, 2010. P. 3-24
- MACHADO. Maria. Diversidade em diálogo. In: MACHADO. Maria (Org). *Diversidade Sociocultural em Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008. P. 6-13.
- MACHADO. Maria. *Diversidade Sociocultural em Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.
- MACHADO. Maria. Mato Grosso indígena. MACHADO. Maria (Org). *Diversidade Sociocultural em Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008. P. 14-31.
- PAES, Maria. A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT. In: *Revista Brasileira de Educação*. N. 21 Rio de Janeiro Set./Dez. 2002, p. 52-60.
- PEREIRA, Adalberto. *O pensamento mítico do Paresi*. Pesquisas, Antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1986.
- SALTURI, Luis. Um panorama da obra de Georg Simmel: Teoria sociológica e teoria da cultura. In: *Revista Movimento* v.03, n.04, pp. 162-178, 2016. 162. p. 162-178.
- SIMMEL, Georg. *La tragédie de la culture et autres essais*. Paris: Editions Rivages, 1988.
- TENORIO, Cibele. No Jikunahati, indígenas adaptam futebol e trocam os pés pela cabeça. **EBC**, Brasília, 25 nov 2015. Disponível em: < <https://memoria.ebc.com.br/esportes/2015/10/futebol-de-cabeça-0>>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.